CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.10, n. 2, 2025. https://doi.org/10.59033/cm.v10.i2.1737.
Anais do IX Seminário de Agroecologia e Produção Orgânica - Território Sertão Produtivo

ARTIGO / ARTICLE
Área temática: Agroecologia e Educação

JUSTIÇA CLIMÁTICA E AGROECOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PODE A EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DA FUTURIDADE ORGÂNICA?

CLIMATE JUSTICE AND AGROECOLOGY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: WHAT CAN EXTENSION IN THE FORMACION OF ORGANIC FUTURITY?

Neurisângela Maurício dos Santos Miranda[1*], Felizarda Viana Bebé[2], Deralita Dias Guimarães[3]

[1] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Técnica em Assuntos Educacionais – IF Baiano – *Campus* Guanambi. Professora da Rede pública Municipal de Guanambi. *Autora correspondente: neurymiranda13@gmail.com.
[2] Doutora em Ciências do Solo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora EBTT do IF Baiano - *Campus* Guanambi.
[3] Especialista em Educação do Campo pela Universidade Estadual de Montes Claros. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Guanambi- BA – Creche Municipal Adília Cardoso de Moraes.

Recebido: 03/08/2025 - **Revisado**: 20/02/2026 - **Aceito**: 21/02/2026 - **Publicado**: 24/02/2026

RESUMO: Este texto discute a potência da extensão acadêmica, considerando efeitos de ações formativas sobre justiça climática em uma perspectiva agroecológica na Educação Infantil, envolvendo bebês, crianças, docentes e familiares da comunidade escolar participante do projeto de extensão do IF Baiano – *Campus* Guanambi, em parceria com uma creche e uma turma de pré-escola da Rede Municipal de Guanambi. Destaca-se a centralidade das infâncias frente aos efeitos das mudanças climáticas e à urgência de práticas educativas comprometidas com a formação de futuros sustentáveis. As ações sustentam uma investigação focada no protagonismo infantil, na formação docente e em currículos possíveis centrados nas infâncias como eixo de uma futuridade orgânica, com o objetivo de evidenciar como práticas extensionistas podem contribuir para a formação das infâncias, mobilizando docentes e currículos na educação para o consumo com segurança alimentar, para o cuidado e valorização de vínculos afetivos com o meio ambiente e com práticas de produção alimentar comunitárias. Valeu-se da metodologia otobiográfica para pesquisa, formação e ação pedagógica, com abordagem participativa em vivências e narrativas de vida com crianças e professoralidades partícipes. As atividades incluíram rodas de conversa, construção de hortas segundo critérios da produção orgânica e agroecológica, plantio de árvores frutíferas e criação de territórios do brincar com elementos naturais. Os resultados apontam o fortalecimento dos vínculos interinstitucionais e comunitários, engajamento de famílias e crianças em práticas socioambientais e ressignificação curricular. Conclui-se que a extensão, comprometida com escutas e ações situadas, promove formação crítica e multirreferencial capaz de reinventar o presente e o futuro.

Palavras-Chave: Extensão Acadêmica. Educação Infantil. Formação Docente. Justiça Climática. Currículo Agroecológico.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International



ABSTRACT: This text discusses the potential of university extension, considering the effects of formative actions on climate justice from an agroecological perspective in Early Childhood Education. The study involves infants, children, educators, and families from the school community participant of a project of extension, led by IF Baiano – Campus Guanambi, in partnership with a daycare and a preschool class of municipal public in Guanambi. It emphasizes the centrality of childhood in the face of climate change impacts and the urgency of educational practices committed to shaping sustainable futures. The actions are grounded in research focused on children's agency, teacher training, and possible curricula centered on childhood as the axis of an organic futurity, with the aim of highlighting how extension practices can contribute to the education of children, mobilizing teachers and curricula in education for safe consumption, for the care and appreciation of affective bonds with the environment, and with community food production practices. The research, training, and pedagogical action utilized an otobiographical methodology, with a participatory approach in experiences and life narratives with children and participating educators. Activities included discussion circles, building gardens according to organic and agroecological production criteria, planting fruit trees, and creating play territories with natural elements. The results indicate the strengthening of inter-institutional and community ties, engagement of families and children in socio-environmental practices, and curricular redesign. It is concluded that the university extension, committed to situated listening and actions, promotes critical and multireferential training able to reinvent the present and the future.

Keywords: University Extension. Early Childhood Education. Teacher Education. Climate Justice. Agroecological Curriculum.

INTRODUÇÃO

> A criança que boceja quando você diz 'vamos lá fora' pode ficar intrigada, a ponto de segui-lo num passeio para colher ervas para fazer chá [...] Estimule seu filho a conhecer uma área de oito metros quadrados na margem de um campo, largo ou jardim sem pesticidas. Procure as fronteiras entre habitats: onde terminam as árvores e começa um campo; onde as pedras e a terra encontram a água. A vida sempre está nas fronteiras. (Louv, 2016, p.35)

Este texto mescla uma discussão e um convite. Uma *discussão* sobre a potência da extensão acadêmica assentada na agroecologia e na produção orgânica para além dos contextos proeminentemente técnicos e ruralistas; e, com efeito, inspiradas na epígrafe, um *convite* ao reconhecimento de outros *habitats* e fronteiras, possíveis e urgentes para esse acontecer extensionista – não apenas fronteiras geográficas, mas principalmente as *territoriais* que tanto separam quanto unem: infância e futuro, universidade/Institutos Federais de Educação e comunidade, agroecologia e justiça climática.

Na perspectiva agroecológica, crítica, multirreferencial e formativa que discutimos — especialmente vinculada à educação infantil e aos ideais de justiça climática e futuros sustentáveis, a ideia de território vai além de uma simples fronteira geográfica ou delimitação espacial e política. Ela carrega dimensões várias como afetivas, culturais, políticas e ecológicas, sendo multirreferencializadas e construída pelas "relações entre seres humanos e não-humanos" (Latour, 1994), o que, por sinal, também agrega o território do currículo, seja o da formação de professores, seja o da formação das infâncias.

É nessa perspectiva que questionamos: *o que pode um projeto de extensão acadêmica com enfoque na agroecologia e na produção orgânica?* Acreditamos que no *tripé* ensino-pesquisa-extensão, é ela – a extensão – que dissolve os muros e faz acontecer a articulação interinstitucional e comunitária.

Nesse sentido, o propósito acolhe uma discussão sobre como ações extensionistas têm habitado outras fronteiras, com outros públicos, outras vidas a serem escutadas, a partir de seus registros de vida, dentro de um movimento *otobiográfico*, o qual é definido pelo filósofo Jacques Derrida (2009) como escuta da vida nos registros humanos.

É nesse habitar de fronteiras em território de formação das infâncias, que inserimos as ações "A Horta na Creche: semeando uma futuridade mais orgânica e com inteligência alimentar"[1] e "Toda criança merece uma árvore e os frutos dela", desenvolvidos a partir de atividades extensionistas formativas sobre produção orgânica e justiça climática em uma perspectiva agroecológica na Educação Infantil, envolvendo bebês, crianças, docentes e familiares da comunidade escolar participante do referido projeto do IF Baiano – *Campus* Guanambi, em parceria com uma creche e uma turma de pré-escola da Rede Municipal de Guanambi.

[1] Ações extensionistas vinculadas ao Projeto "Orgânico Inteligente: interconexões entre pessoas e sistemas agrícolas sustentáveis para a mitigação dos impactos ambientais" do Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Guanambi, Sob a coordenação da Profa. Dra. Felizarda Viana Bebé. (EDITAL PET Nº 152/2023 – PROGRAMA DE EXTENSÃO TECNOLÓGICA – PROEX/IF BAIANO e EDITAL 02/2022 FAPESB)

Além de aliar diferentes profissionais e públicos estudantis (coordenadores pedagógicos, professores da educação infantil e Educação Básica Técnica e Tecnológica, pesquisadores, gestores, estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas e Engenharia Agronômica, crianças de creche com faixa etária de 1 a 3 anos e pré-escola com faixa etária de 4 anos), a pertinência do projeto justifica-se por situar a extensão em um outro patamar na heterogeneidade de público – as infâncias - para lidar com um tema tão sensível no contexto mundial – Justiça Climática. Essa afirmação coaduna com o pensamento de Oliveira (2017) quando aduz que:

> A complexidade e heterogeneidade dos grandes temas científicos atuais, como o das mudanças climáticas, requerem novas formas de engajamento do público.[...] Diante da catástrofe, o que está em jogo é o próprio futuro do mundo (como atualidade do capitalismo) e da espécie humana (como modo de existência capitalista, aquilo que Zygmunt Bauman (2008) chamou de 'vida para consumo') de maneira fatalista, criando a demanda por formas mais intensivas de participação (Oliveira, 2017, s.p. *on line*)

Uma análise, ainda dentro do movimento participativo-investigativo, já denota a pertinência da ação, a qual fomenta a ampliação e inovação das experiências pedagógicas, contando com a expertise articulada de profissionais reconhecidos no âmbito da prática agrícola e agroecológica numa perspectiva orgânica e sustentável, com o objetivo de promover espaços e tempos de formação para toda a comunidade envolvida, com consequente tradução dos saberes construídos em currículos, contextos e sessões de investigação pautados em interações e brincadeiras que proporcionem aos nossos bebês e crianças a mobilização dos diferentes campos de experiência preconizados nos normativos que regem a Educação Infantil.

Com isso, destaca-se a centralidade das infâncias frente aos efeitos das mudanças climáticas e à urgência de práticas educativas comprometidas com a formação de futuros sustentáveis, especialmente por reconhecer a importância do que Fernandes e Bebé (2025) se propuseram ao defender a produção orgânica dentro de uma perspectiva agroecológica, justamente por ela promover

vantagens através do estímulo da diversificação produtiva na propriedade, do aumento do número de empregos, por necessitar de muita mão-de-obra; acrescentando que a vantagem existe por conta da menor demanda de insumos externos, que implica na redução dos custos de produção. Além disso, como defendem as autoras, promove a segurança alimentar e nutricional da família e de consumidores e reduz os impactos da produção agrícola. (Fernandes; Bebé, 2025, p.115-116).

Perante essas colocações, registra-se em contraponto, a preocupação de Richard Louv com o futuro das crianças e sua relação com a natureza retratada, em sua obra *A última criança na natureza – resgatando nossas crianças do Transtorno do déficit de Natureza*. Preocupação essa ilustrada no seguinte trecho: “Um garoto disse que os computadores eram mais importantes que a natureza, porque os empregos estão onde os computadores estão” (Louv, 2016, p. 35).

Tal relação ganha densidade quando, apesar de toda uma campanha planetária para um desenvolvimento sustentável, a exemplo da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), ainda lidamos com processos educativos que associam a concepção de empregabilidade majoritariamente arraigada na produtividade capitalista, tecnicista e meritocrática com ênfase no ideal tecnológico e, nesse veio, no campo da segurança alimentar, os processos educativos, embora haja aparatos regulamentares e orientadores das ações, as práticas ainda deixam a desejar.

Sensíveis a essa configuração, as ações que inspiram essa discussão sustentam uma investigação focada no protagonismo infantil, na formação docente e em currículos possíveis centrados nas infâncias como eixo estruturante de uma futuridade orgânica e sustentável, com o objetivo de *evidenciar como práticas extensionistas podem contribuir para a formação das infâncias, mobilizando docentes e currículos na educação para um consumo com consciência e segurança alimentar; para o cuidado e valorização de vínculos afetivos com o meio ambiente e com práticas de produção alimentar*

comunitárias, valendo-se da *otobiografia* - escuta da vida nos registros humanos como dispositivo filosófico, metodológico e pedagógico, conforme abordam respectivamente (Derrida, 2009; Monteiro, 2013; Miranda, 2021).

Para além desta introdução, o texto deste artigo integra outras seções: Trilhar metodológico, onde há uma breve contextualização referenciada para esclarecer e caracterizar os percursos e atividades eleitas para alcançar o propósito; resultados e discussões, em que apresenta-se os efeitos das ações extensionistas que inspiraram esta escrita; e, a título de conclusão, tece-se algumas considerações (para outros) finais, na tentativa de reiterar o convite para outros movimentos concatenados com o que ora se comunica.

TRILHAR METODOLÓGICO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO REFERENCIADA

Reconhecendo a ação extensionista como um ato (per)formativo com o poder de alterar transcursos de vida, a partir de ações metodológicas que articulam instituições e comunidades, a escolha metodológica certamente diz sobre o que se espera para um caminho a percorrer: um trilho ou uma trilha. Escolheu-se para esse movimento, que continua em desenvolvimento, as trilhas da escuta e dos gestos otobiográficos, a partir da narrativa de professores e de seus registros pedagógicos dos contextos e sessões junto a crianças da Educação Infantil, e respectivos familiares, especificamente de uma creche e de uma turma de pré-escola, delimitando um grupo etário de 1 a 4 anos. Tudo isso, a partir de referências das ações formativas desenvolvidas em diferentes atividades vinculadas ao Projeto de Extensão *Orgânico Inteligente: interconexões entre pessoas e sistemas agrícolas sustentáveis para a mitigação dos impactos ambientais*, especialmente às ações extensionistas: *A Horta na Creche: semeando uma futuridade mais orgânica e com inteligência alimentar*, efetivada na Creche Municipal e *Toda criança merece uma árvore e os frutos dela* efetivada em um turma de pré-escola de uma Escola Municipal, ambas as intituições pertencentes à Rede pública municipal de ensino de Guanambi e situadas em bairros periféricos da área urbana do município.

A metodologia otobiográfica eleita para a investigação, formação e ação pedagógicas, materializou-se em uma abordagem participativa nas vivências e na escuta das narrativas de vida-formação junto às crianças e *professoralidades* (Pereira, 2013) partícipes.

As atividades incluíram rodas de conversa, construção de hortas segundo critérios da produção orgânica e agroecológica, plantio de árvores frutíferas e criação de territórios do brincar com elementos naturais e, com isso, a extensão transbordou os aspectos da técnica agrícola – muito importante, diga-se de passagem – para, também mobilizar uma rede de cuidados com a vida, cuja centralidade é criança e sua condição estruturante da futuridade, para que não sejamos arrastados pela corrente das remediações tardias, perante as emergências, mas investidores da formação de futuros possíveis e sustentáveis.

É importante ressaltar que a atividade de extensão, neste processo, nunca esteve desvinculada da atividade de pesquisa, aqui acolhida como uma Pesquisa-Formação, a partir de gestos otobiográficos. Sendo que no que se refere à pesquisa-formação,

> [...] a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se em seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual (JOSSO, 2007, p. 421)

Quanto aos gestos otobiográficos, referem-se a ações de escutas inspiradas na otobiografia derridiana, em seus aspectos filosóficos, e na investigação otobiográfica inspirada nas proposições metodológicas Monteiro (2013), assim caracterizada:

> A investigação otobiográfica é um método de pesquisa qualitativa que se propõe a ouvir a vida a partir das produções realizadas em múltiplos contextos, tomando como ponto a formação, entendida como constituição de si; as vivências (Erlebnisse) que ressoam ao longo deste processo e se fazem nele presentes em forma de palavras, gestos, compreensões, significados. (Yatsugafu, 2017, p. vi)

No contextos das infâncias com as quais o trabalho está sendo desenvolvido e considerando o objetivo de evidenciar como práticas

extensionistas podem contribuir na formação das infâncias para uma futuridade orgânica e inteligentemente sustentável, o gesto otobiográfico implica na escuta política e ética de possibilidades que concorram para essas aprendizagens: colher ervas, tocar o solo, perceber os ritmos da terra são atividades aparentemente simples, mas potentes para propiciar afetos produtores de uma infância outra digna não somente das políticas de emergência climática e ambiental como um todo, mas sobretudo de uma política que, de fato, opere na construção eficaz da justiça climática.

Cumpre aqui pontuar que segundo Torres *et al*. (2021, p. 168), a noção de 'justiça climática' não possui centralidade nos planos e políticas governamentais. O autor faz essa afirmação a partir de levantamento da literatura sobre o descritor, em que, segundo ele o tema não foi incorporado na agenda pública, seja do governo, dos movimentos sociais, das organizações não governamentais ou academia, o que para ele é preocupante considerando que o Brasil é um país que historicamente priorizou ações de mitigação em relação ao tema. Em consultas às literaturas da área ambiental e climática, percebe-se a tessitura de uma articulação entre o termo Justiça climática e um processo de reparação histórica aos mais vulneráveis e que menos contribuíram para o problema e mais fadados a sofrer com seus impactos.

Nesse sentido é que coloca-se as infâncias como centro da ação extensionista em pauta, consolidando a responsabilidade com o presente, mas também prospectando essa justiça climática, como um ato que exige mais do que discursos teórico-academicistas — demanda, pois, espaços formativos desde a mais tenra idade, onde bebês e crianças tenham a oportunidade de, junto com seus professores, redescobrir o mundo a partir dessas fronteiras vivas em que "atos de currículo" (Macedo, 2010) podem ser descobertas: entre o jardim e a horta, a sala de aula e o território, as práticas pedagógicas e a vida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: CONTRIBUTOS INICIAIS

A título de contributos iniciais emanados da análise dos efeitos de uma atividade extensionista que ainda permanece ativa, apresenta-se alguns achados que se constituem como resultados para discussões e reflexões sobre o que *pode* a extensão na formação de uma futuridade orgânica. Nesse ínterim, vale considerar que os saberes construídos nas práticas extensionistas com professores e crianças da Educação Infantil produziram/produzem potentes inovações pedagógicas que ao serem sistematizadas em propostas curriculares articulam rigor normativo e emergência investigativa.

Vale ressaltar o êxito da articulação da ação extensionista de perspectiva orgânica e agroecológica com as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil* – DCNEI (Brasil, 2010); com os cinco Campos de Experiência preconizados pela *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC (Brasil, 2017) e com a defesa do *desemparedamento das infâncias* (Tiriba, 2021) na luta por espaços e tempos aprendentes para além das paredes e pisos acimentados que sustentam seus lares e seus espaços escolares.

No contexto da agroecologia e do desemparedamento infantil, cada Campo de Experiência pode ser vivido de forma integrada: *O eu, o outro e o nós*, movimentado na assunção de papéis individuais e coletivos perante todo o preparo, cultivo e cuidados na horta e rodas de conversa sobre cuidados com a natureza; *Corpo, gestos e movimentos*, fomentados durante sessões pautados na heurística do brincar livre em espaços naturais, desenvolvendo equilíbrio e coordenação (dançar na lama, subir nas árvores, abraçar cada planta, levantar e agachar durante os cuidados); *Traços, sons, cores e formas,* mobilizados na arte com elementos da terra (argila, folhas, sementes, água,), na produção de corantes e na sua utilização para registros do imaginário simbólico; *Escuta, fala, pensamento e imaginação* – presente potencialmente nas narrativas infantis sobre os processos observados em experimentos diversos (Geleira derretendo sobre uma vila simulada; a planta que se enraíza e cresce sem a necessidade de pesticidas, a associação de literaturas infantis com a realidade da insegurança alimentar); *Espaços, tempos, quantidades, relações e*

transformações, vivenciados a partir de diferentes registros sobre o plantio, o contar de grãos, a observação do broto até o seu crescimento e decomposição, além das diferentes formas de processamento até chegar ao prato.

Todo esse movimento confere rigor e respeito ao que se considera estruturante nos currículos que se constroem com e para as infâncias (interações e brincadeiras), assim como possibilita a produção de "*linhas de fuga"* (Deleuze; Guattari, 1996, p. 57), contra o "emparedamento" de nossas crianças a partir de ações extensionistas de *formação em exercício* de professores:

> Ao operar com o conceito de otobiografia em contextos da Formação em Exercício de Professores, foi possível amplificar a escuta para o que acontece nesse cenário [...] Problematizamos algumas significações para o termo "exercício" conformadas ao longo da história e, com isso ela [a formação em exercício], de forma universalizada, nos textos das legislações educacionais é apresentada apenas como sinônimo de capacitação profissional em serviço. Vale ressaltar que, em nossas discussões, situamos a formação em exercício no campo da formação continuada. (Miranda, 2021, p.74)

Outro resultado a se considerar, é que operamos o projeto de extensão a partir de ações formativas ancoradas no paradigma das "Três Ecologias" (Guattari, 2009), o que produziu no âmago do Projeto o que o autor denominou de referência *ecosófica*. Para Guattari, a *Ecosofia* é uma abordagem integrada que articula três dimensões ecológicas interconectadas: **Ecologia ambiental**, que envolve a relação com a natureza e os sistemas biológicos, articulando meio ambiente e sustentabilidade; a **Ecologia social**, presente na organização das relações humanas (política, economia, cultura) e a **Ecologia mental**, voltada para a subjetividade, desejos e modos de existência (Guattari, 2009, p 39-56). Essas dimensões articulam e integram um modo de pensar e viver ético-político e estético, indispensável à manutenção da vida humana.

Transpondo a abordagem ecosófica para o que as ações extensionistas produziram enquanto potência criativa, é possível considerar que no campo da **ecologia ambiental**, tem reinventado os espaços educativos através de hortas orgânicas e plantios de árvores frutíferas capazes de, na futuridade, combater o Transtorno do Déficit de Natureza (Louv, 2016), já aludido anteriormente; no

âmbito da **ecologia social**, transformou-se rodas de conversa em dispositivos de produção coletiva de saberes, onde pesquisadores da área, famílias e professores ressignificam seus espaços de atuação (salas referências, pátios, quintais, lotes), como territórios educativos de produção orgânica e agroecológica (em articulação com o Projeto Orgânico Inteligente); no que concerne a **ecologia mental**, as narrativas orais e escritas, assim como os diferentes registros que integram as "documentações pedagógicas" (Rinaldi, 2012), construídas durante ações do Projeto mobilizam processos subjetivos e produzem *desejos* – não buscando o que falta, mas como vontade/força produtiva/devir (Deleuze; Guattari, 1992; 2011*)* - de um mundo melhor, mais verde, mais orgânico, mais sustentável.

Constatou-se, ainda, como uma prática extensionista aportada na agroecologia e na produção orgânica reconfigura as relações entre os diferentes "campos de experiência" (Brasil, 2017) das crianças como protagonistas de sua aprendizagem, tecendo currículos possíveis, ecosoficamente sustentáveis, acolhedores da respeitosa relação entre humanos e não-humanos (Latour, 2012), em que o desemparedamento das infâncias, a partir do contato com a terra, com as árvores, com o manejo produtivo, com práticas comunitárias de produção alimentar segura, dão concretude ao projeto formativo de uma futuridade orgânica

CONSIDERAÇÕES (PARA OUTROS) FINAIS

Ao invés de uma retomada sistemática das questões abordadas ao longo deste texto, propõe-se a tessitura de algumas considerações outras, convidativas a outras iniciativas, com outros finais possíveis, perante propósitos que "ao se repetirem produzam diferenças (Deleuze, 1988). Por isso, julga-se mais produtivo, neste momento, retomar a pergunta que moveu toda a discussão aqui suscitada: *o que **pode** a extensão na formação da futuridade orgânica*?

A expressão em destaque não é aqui utilizada no sentido de perguntar "qual o *poder* (força regulatória), mas o que ela produz em potência (força

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.10, n. 2, p. e010021737, 2025.
https://doi.org/10.59033/cm.v10n2.1737 - Anais do IX Seminário de Agroecologia e Produção Orgânica - Território Sertão Produtivo

inventiva), quando perspectivada nos contextos de formação em exercício de professores" (Miranda, 2021, p. 37) e ainda o que ela produz na ação pedagógica desses professores junto a bebês e crianças público da Educação Infantil.

O propósito foi de compreender e comunicar a extensão na perspectiva da produção orgânica e agroecológica como um pensar-fazer que *pode* se deslocar do proeminentemente rural para alcançar outras fronteiras possíveis – as infâncias (sejam elas campesinas ou urbanas), os currículos e a formação de professores. O que foi alcançado em cada uma das atividades propostas, quando a extensão, eu seu acontecer formativo, trouxe respostas, ainda que provisórias, para a questão problematizadora, pois enquanto força e ação inventiva, produziu uma tessitura curricular dinâmica e auscultiva, ao converter colheitas em experiências matemáticas vivas e observações ecológicas em registros gráficos, respondendo simultaneamente ao que Louv (2016) abordou como Transtorno do Déficit de Natureza, sem perder de vista às exigências educacionais legais para o desenvolvimento integral da criança, preconizados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, especificamente em seu artigo 29. (Brasil, 1996), nas DCNEI (Brasil, 2010) e na BNCC (Brasil, 2017).

Por fim, a extensão, nessa configuração de acontecimento, se propagou como ato político, pedagógico e ético com resultados que apontam para a valia do fortalecimento dos vínculos interinstitucionais e comunitários, do engajamento de famílias e crianças em práticas socioambientais e da ressignificação dos currículos eleitos para a formação das infâncias e para a formação em exercício dos professores da Educação Infantil.

Por tudo isso, reitera-se, a partir de toda a discussão, o convite para outras ações extensionistas, comprometidas com escutas e ações situadas, promotoras da formação crítica e multirreferencial que, por tudo isso, pode reinventar o presente e o futuro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 ago.2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1**.** 2 ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro, RJ: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, J. **Otobiografías:** la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

FERNANDES, Rayssa Pereira. BEBÉ, Felizarda Viana. Extensão rural agroecológica no Território Sertão Produtivo. **Cadernos Macambira**, v.9, n.4, p.114-125, Serrinha, Bahia, 2025. Anais do VIII Seminário de Agroecologia e Produção Orgânica – IF Baiano Campus Guanambi. Disponível em: https://revista.lapprudes.net/CM/article/view/1593. Acesso em: 29 jul. 2025.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

JOSSO, Marie- Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007 Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 03 ago. 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social:** Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** salvando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. Trad. Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Aquariana, 2016.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

MIRANDA, Neurisângela M. S. Quando ousei narrar(me): intraduções otobiográficas de uma professoralidade. **Tese** (Doutorado em Educação). Orientadora: Dra. Maria Inez Carvalho. Universidade do Estado da Bahia – UFBA-FACED. Salvador: 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32850. Acesso em: 30 jul. 2025

MONTEIRO, Silas B. **Quando a Pedagogia forma professores.** Uma investigação otobiográfica. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

OLIVEIRA. Renato Salgado de Melo Oliveira. Percepção e política na divulgação científica: em busca de um público-alvo. **ClimaCom** [online], Campinas, ano. 4, n. 9, ago. 2017. Acesso em: https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288. Acesso em: 19 jul. 2022.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando nosso mundo**: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 30 jul. 2025.

PEREIRA, Marcos V. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: EdUFSM, 2013.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

TORRES, Pedro Henrique C. *et al.* Justiça climática e as estratégias de adaptação às mudanças climáticas no Brasil e em Portugal. **Estudos Avançados.** v. 35, n. 102, 2021**.** DOI: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35102.010.

YATSUGAFU, Rubia H. N. C. Investigação Otobiográfica: Composição de pesquisa em educação. **Tese** (doutorado). UFMT, Instituto de Educação/PPGE. Cuiabá: 2017. 145f. Disponível em: URI: http://ri.ufmt.br/handle/1/1888.